

Exposição · 20 maio – 10 setembro 2017

---

# Simultânea

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

---

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***

*Simultânea* apresenta obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos e, como o próprio nome indica, realiza-se em paralelo com a exposição *O Fotógrafo Acidental: Serialismo e Experimentação em Portugal 1968-1980*, contribuindo para a compreensão do panorama criativo desse mesmo período. Para tal, inclui obras produzidas num arco temporal um pouco mais amplo, realizadas em suportes diversos (pintura, escultura, desenho, instalação) e demonstrativas do processo exploratório de alguns dos mais marcantes artistas ativos no período de referência. Por vezes, estas obras são contemporâneas do trabalho fotográfico (Helena Almeida, Vítor Pomar, Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa), anteriores (Fernando Calhau) ou imediatamente posteriores (Julião Sarmento). Repare-se que, para alguns destes artistas, o centro do seu processo criativo situou-se na prática da pintura, da escultura ou do desenho, constituindo-se algumas destas peças como as referências fundamentais para a compreensão dos seus percursos.

A estes artistas juntam-se Álvaro Lapa, Eduardo Batarda, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Pires Vieira e Luís Noronha da Costa, representados na Coleção da CGD com obras muito significativas.

De salientar a apresentação de duas instalações pioneiras de Alberto Carneiro, *Canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente* (1968) e *Uma Floresta para os teus sonhos* (1970), a última gentilmente cedida para a exposição pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em julho será apresentado na Culturgest Porto *Um Campo depois da colheita para deleite estético dos nossos corpos* (1973-1976) revisitando três obras seminais do artista recentemente falecido – e que serão objeto de uma publicação a elas dedicada.

A Coleção da Caixa Geral de Depósitos iniciou-se em 1983 e inclui obras em diversos suportes, maioritariamente de artistas portugueses. A escolha realizada para a exposição *Simultânea* teve em consideração as obras oriundas do período entre 1965 e 1983, tendo sido solicitadas três obras que comple-

tam os núcleos existentes na Caixa Geral de Depósitos de Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa e Helena Almeida.

## As obras e os artistas em exposição

### Helena Almeida (1934)

As duas pinturas objetuais de Helena Almeida apresentadas são representativas do período em que a artista iniciou o seu trabalho fotográfico de autorrepresentação. Analisá-las em relação com as obras fotográficas permite compreender a sua perspetiva crítica e irónica em relação à pintura que Almeida abandonaria muito pouco tempo depois. De destacar a obra *A Noiva*, que ecoa Marcel Duchamp e que permanece uma das peças seminais deste período da artista. É também apresentada a obra *Ouve-me*, uma peça sonora cedida pela artista que pertence à série homónima (da qual se encontram obras fotográficas na exposição *O Fotógrafo Acidental*) e que consiste no som amplificado da realização de desenhos com diversos materiais, aqui invisíveis.

### João Vieira (1934-2009)

João Vieira foi um artista fundamental do panorama português, com uma intensa obra no campo da pintura, embora também da instalação e da *performance*. A obra que se apresenta em exposição, intitulada *Amor à Italiana* (1969), apresenta a palavra AMOR escrita duplamente invertida, lendo-se ROMA. A utilização, frequentemente irónica e lúdica, da escrita na pintura, é uma literalização do verso de Cesário Verde (“pinto quadros por letras”) que o artista tomou como seu mote pessoal e que literalmente o acompanhou durante todo o seu percurso.

### Eduardo Batarda (1943)

As duas pinturas de Eduardo Batarda, artista formado na relação com a arte pop, presentes na exposição, contemporâneas das obras de Helena Almeida, possuem um mesmo eco dúbio e derrisório – e também recônditas alusões sexuais. São como que traseiras de pinturas, antevendo-se que, por

detrás, alguma coisa se esconde. Talvez o que se esconde seja concebível nas pregas, ou intuível, numa das pinturas, a partir da críptica inscrição “clit.” Seja como for, as pinturas de Batarda, neste período, antevêm o caráter dúbio de todo o seu percurso posterior, a voluntária dimensão lúdica e críptica.

### Ângelo de Sousa (1938-2011)

A Coleção da CGD possui esta pintura de Ângelo de Sousa intitulada *Geométrico Grande* (1967), uma das suas obras mais importantes deste período, exatamente anterior ao trabalho fotográfico apresentado na exposição *O Fotógrafo Acidental*. A pintura de Ângelo possuía já a enorme qualidade cromática, o sentido lúdico e a consciência dos processos perceptivos que marcariam o seu trabalho posterior. Não deixa de ser interessante imaginar que os modelos para esta pintura foram pequenas tranças de serpentina, como as crianças faziam. A partir daí, o jogo de escala, a relação com a escultura e a espacialidade são reveladores da grande sofisticação da pintura de Ângelo – a comparar com os seus processos

fotográficos. A par com esta obra, encontra-se uma segunda, gentilmente cedida para a exposição por uma coleção particular, que foi concebida em conjunto, mas nunca ambas expostas em simultâneo – situação curiosa, até porque são as únicas pinturas desta tipologia e deste período na obra deste autor.

### Alberto Carneiro (1937-2017)

São apresentadas duas obras maiores de Alberto Carneiro: *Canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente* (1968), que pertence à Coleção da CGD, e *Uma Floresta para os teus sonhos* (1970), esta última cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian. As duas instalações de Carneiro são obras seminais, quer no seu percurso, quer na arte portuguesa da segunda metade do século XX. O seu trabalho, recuperando uma poética da natureza e do ritual, incluindo a memória do trabalho rural é, no entanto, de uma grande sofisticação porque incide sobre a ausência – de um corpo, de um lugar, de um odor. A possibilidade de comparar estas instalações com o trabalho fotográfico presente



Alberto Carneiro. *Canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente*, 1968 (pormenor) · Fotografia: Mana

na exposição *O Fotógrafo Acidental* permite compreender a natureza performativa da obra de Alberto Carneiro. Infelizmente desaparecido no período de preparação desta exposição, o artista teve ainda a possibilidade de dialogar a seleção de obras presentes.

Em julho, a Culturgest Porto apresentará a instalação *Um Campo depois da colheita para deleite estético dos nossos corpos* (1973-1976), completando o ciclo da apresentação das três mais importantes peças ambientais de Carneiro.

### **Vítor Pomar (1949)**

As três pinturas de Vítor Pomar parecem retiradas de um contínuo maior, como se fossem momentos de uma atividade permanente de exercício de uma ação sobre a tela. E assim é. Depois de 1977 o artista começou a pintar telas que recobriam o chão do seu estúdio e posteriormente selecionava as secções que lhe interessavam, como num processo de montagem cinematográfico. A origem deste processo pode ser vista na obra *Crush Proof Box*, a série de 122 fotografias do seu estúdio que estão presentes na exposição *O Fotógrafo Acidental* e que foi realizando ao longo de 1973, utilizadas posteriormente no filme *R*, onde se sucediam a cada 8 segundos. A oportunidade para comparar a obra em pintura e a obra fotográfica é, portanto, uma ocasião para mergulhar no processo de trabalho de Vítor Pomar e perceber a sua relação com a herança, tomada em segundo grau, do expressionismo de Jackson Pollock e Franz Kline, convertida numa *performance* pictórica.

### **Pires Vieira (1950)**

A obra de Pires Vieira está profundamente ligada ao movimento francês *Support/Surface*, caracterizado por um entendimento analítico da pintura e dos seus componentes, com o qual contactou quando viveu em Paris no início da década de 1970 e estudou na Sorbonne. As obras expostas são representativas desse período: as telas são apresentadas sem grade, apresentando um motivo repetitivo que se multiplica nas suas pinturas

deste período. Pertencendo à série *Matisse, Rothko, Ad Reinhardt*, foram expostas pela primeira vez na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes em 1975 e dialogam com a obra do terceiro dos artistas referidos no título, aspeto visível na estrutura da divisão em quadrados da superfície e no cromatismo entre o negro e o cinzento, para além da forma como integram os preceitos da pintura de Claude Viallat – que, à semelhança de Pires Vieira, também utilizava as telas desengradadas como forma de desconstruir os elementos constitutivos da pintura.

### **Álvaro Lapa (1939-2006)**

Do período a que se reporta a exposição, a Coleção da CGD possui os três desenhos de Álvaro Lapa apresentados. Com um percurso idiossincrático e uma obra densa e em permanente diálogo com a literatura (de Joyce, Kafka, William Burroughs, Sade, Michaux, Pessoa) e com a filosofia, nomeadamente de Gilles Deleuze, Álvaro Lapa foi desenvolvendo um percurso que pode ser entendido como um intenso processo de autorretrato. Mesmo quando na sua obra não são reconhecíveis figuras humanas, o pensamento sobre a forma e a dissolução do próprio corpo (muitas vezes sob a forma de elegias aos escritores que o alimentavam) está sempre presente. Se todas as suas obras são autorretratos, necessariamente que aquelas que o são como tipologia são Auto autorretratos. Será precisamente por isso que o desenho de 1972 exposto possui esse título, uma forma convulsa que se debate num esgar no interior de uma autorrepresentação.

### **Luís Noronha da Costa (1942)**

A escultura de 1967 incluída na exposição pertence a um conjunto de obras tridimensionais que o artista realizou nesse período. O jogo de ilusão ótica provocado pelo reflexo no vidro que projeta uma caveira no interior de uma esfera pertence ao mundo das máquinas maravilhosas de ilusão do dealbar do cinema que tanto interessou Noronha da Costa. O mesmo imaginário está presente na grande

tela que apresenta uma parede, quase uma pintura monocromática, não fosse o fio elétrico e a tomada que deslizam pelo lado direito da tela, como um lento *travelling* de um filme de Antonioni. Ou a homenagem direta a Murnau presente na imagem fotográfica serigrafada na tela de uma página de um livro sobre o cinema expressionista alemão. O cinema tem sido um dos campos maiores de inspiração de Luís Noronha da Costa, quer na pintura, nos textos críticos, ou nos filmes que realizou.

### **Joaquim Rodrigo (1912-1997)**

Engenheiro silvicultor de profissão, Joaquim Rodrigo foi um dos responsáveis pela construção do Parque de Monsanto, em Lisboa, e esta faceta, pouco citada, é importante para compreender o sistema da sua pintura pela intensa ligação à natureza de que é tributário.

No sistema da pintura de Rodrigo, a cor era codificada e as formas compunham um sistema linguístico explicado no livro *O complementarismo em pintura*, escrito em 1976 e publicado seis anos mais tarde, onde expõe a sua teoria do “pintar certo”. Partindo de uma visão pessoalíssima da história da humanidade, da arte e da imagem, Rodrigo acreditava que a cor estava vinculada aos quatro tipos de terra fértil que existem. Por isso a pintura só deveria usar as quatro cores que produzem, que mantêm um vínculo profundo à terra – e o seu pensamento, muito próximo dos pré-socráticos, recusava toda a metafísica, porque lhe queria ser anterior.

Na pintura de Rodrigo é clara a ligação com a arte chókwe angolana, provavelmente a sua forma de imersão nessa anterioridade que lhe parecia mais verdadeira.

### **Fernando Calhau (1948-2002)**

Um dos mais interessantes artistas da sua geração, com um percurso iniciado pela gravura e, posteriormente com uma assinalável obra em pintura e desenho, Fernando Calhau encontra-se representado na exposição com três telas de 1973 (realizadas imediatamente antes de ter rumado a Londres para estudar na St. Martins School of Art).

A série de pinturas verdes, oriunda dos trabalhos paisagísticos que realizou ainda no tempo de estudante – como é patente na tela que possui uma base fotográfica serigrafada –, obedece quase sempre à mesma estrutura e ao mesmo processo produtivo: são telas quadradas, pintadas a acrílico projetado por compressor, que definem uma cruz que se inscreve no seu centro ou a partir dos cantos em modulações de tonalidades de verde.

São pinturas estruturalmente muito simples, efetuadas com uma enorme mestria técnica, que revelam a paixão de Fernando Calhau pelo minimal, apagando voluntariamente qualquer marca da mão em favor de uma aparência acetinada e uniforme. Entre 1975 e 1978, Fernando Calhau deixou de pintar para realizar obras em filme super 8mm, fotografia e desenho – podendo ser observada uma parte significativa dessa produção serial na exposição *O Fotógrafo Acidental*, na qual podem ainda ser vistas peças da exposição *Night Works*, de 1978, na qual conciliou pintura e fotografia.

### **Julião Sarmento (1948)**

A exposição inclui duas obras de Julião Sarmento, um desenho (*Fera*, 1982) e uma pintura sobre papel (*Dois Amigos*, 1982).

Se, durante a década de 1970, Julião Sarmento foi preterindo a pintura em favor da produção de trabalho fotográfico e filmico de pendor claramente conceptual, no início da década seguinte regressou à pintura com um trabalho intencionalmente expressionista. Período hoje menos conhecido do que aquele que é visitável na exposição *O Fotógrafo Acidental* (que lhe é imediatamente anterior) é, no entanto, uma época de enorme produtividade e intensa criatividade para o artista. As referências cinematográficas estão sempre presentes, quer na estrutura de colagem, quer por vezes diretamente em alusão a obras filmicas, bem como as alusões literárias e, como é o caso, algumas imersões discretamente autobiográficas.

Delfim Sardo

As its name suggests, this presentation of works from the Caixa Geral de Depósitos Collection is held in parallel with the exhibition *The Accidental Photographer: Serialism and Experimentation in Portugal, 1968-1980*, contributing to the understanding of the creative panorama of that period. For this purpose, it includes works produced over a broader time span, using different media (painting, sculpture, drawing, installation) and demonstrating the exploratory process followed by some of the most remarkable artists during this particular period.

A special focus is drawn to the presentation of two pioneering installations by Alberto Carneiro, *Cane Field: Memory-Metamorphosis of an Absent Body* (1968) and *A Forest for your Dreams* (1970), this latter work having been kindly loaned for this exhibition by the Calouste Gulbenkian Foundation. In July, *A Field after the Harvest for Our Body's Aesthetic Delight* (1973-1976) will be presented at Culturgest Porto, revisiting three seminal works by the recently deceased artist, which will be the subject of a publication dedicated to them.

The Caixa Geral de Depósitos Collection, initiated in 1983, includes works on a wide variety of media, mainly by Portuguese artists. The selection made for the exhibition *Simultaneous* took into consideration the period between 1965 and 1983. Three additional works by Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa and Helena Almeida, borrowed from different collections, complement the existing bodies of works at the Caixa Geral de Depósitos.

## SERVIÇO EDUCATIVO

### Visitas Jogo

**Atividade para crianças dos 5 aos 10 anos,  
simultânea à visita guiada para adultos**

**16h15 · Duração: 2h15 · 2,50€**

Sáb 27 maio · Dom 25 junho e 3 setembro

### Visitas guiadas

**Atividade para adultos**

**Duração: 1h**

**Com o curador, Delfim Sardo**

Sáb 27 maio e 9 setembro, 17h30

**Aos domingos**

25 de junho e 3 de setembro, 17h30

**À hora de almoço**

Sex 2 e 30 junho e 8 setembro, 13h

Sex 16 junho e 7 julho, 12h

**Visitas guiadas a grupos não escolares**

Lotação: 25 participantes

Preço por grupo: 43€ · Marcação prévia

Reservas: 21 761 90 78

**Atividades exclusivas para escolas**

Inscrições, informações e reservas:

21 761 90 78 · [www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)

Alberto Carneiro  
Ângelo de Sousa  
Álvaro Lapa  
Eduardo Batarda  
Fernando Calhau  
Helena Almeida

João Vieira  
Joaquim Rodrigo  
Julião Sarmento  
Luís Noronha da Costa  
Pires Vieira  
Vítor Pomar

#### **Curador**

Delfim Sardo

#### **Coordenação de produção**

Mário Valente

#### **Produção**

António Sequeira Lopes,  
Paula Tavares dos Santos,  
Fernando Teixeira

#### **Montagem**

Bruno Cecílio, Cristina Oliveira,  
Heitor Fonseca, Laurindo Marta,  
Isabel Zarazúa, Rute Delgado

#### **Coleção da CGD**

Miguel Caissotti, Lúcia Marques,  
Maria Manuel Conceição, Jennifer do Coito  
(estagiária)

#### **Agradecimentos**

A Culturgest agradece às entidades  
que cederam obras para a exposição:  
Fundação Calouste Gulbenkian,  
Coleção Paulo Pimenta, Helena Almeida.  
E ainda a: Penelope Curtis, Rita Fabiana,  
Leonor Nazaré, Catarina Rosendo,  
João Silvério, Bruno Marchand.

#### **Galerias**

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última  
admissão às 17h30). Sábados, domingos  
e feriados, das 11h às 19h (última admissão  
às 18h30). Encerram à segunda-feira.

#### **Livraria**

Aberta no horário das Galerias. Encerra nos  
períodos em que não há exposições.

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego, 50 · 1000-300 Lisboa  
Telefone: 21 790 51 55

[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)



Caixa Geral  
de Depósitos